

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: GT 13 **Educação e Sociedade**

Título do trabalho: POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL, CAPITAL SOCIAL E REDES DE ALUNOS DE CAMADAS POPULARES

Adalberto Carvalho Ribeiro – Prof. Dr. na Universidade Federal do Amapá/UNIFAP

Benedito Queiroz Alcântara – Prof. Ms. na Rede Básica de Ensino no Estado do Amapá/AP

Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar as manifestações de capital social no âmbito de famílias, a ordem moral doméstica e as redes sociais de alunos que participaram do Programa Conexão de Saberes, um programa institucional promovido pelo Ministério da Educação (MEC) que teve como um dos objetivos fazer assistência a universitários vulneráveis economicamente. O trabalho inclui inferências sobre políticas de assistência estudantil no âmbito do ensino superior. Os interlocutores principais são Pierre Bourdieu (2004) e Bernard Lahire (2004).

Do primeiro vem o conceito de capital social, do segundo o aporte teórico sobre ordem moral doméstica, assim como a importância das redes sociais, sejam familiares, de parentesco, amizades, formais ou informais para as trajetórias de vida e escolares das pessoas.

São questões norteadoras: Quais as configurações das redes sociais dos alunos pertencentes ao programa Conexão de Saberes? Como se manifesta o capital social no âmbito da família dos alunos que participaram do programa Conexão? O método de trabalho apoia-se em pesquisa de natureza eminentemente qualitativa com base exclusivamente na análise de conteúdo, técnica utilizada também para analisar escritos de pessoas, como por exemplo memoriais. São exatamente memoriais dos bolsistas do programa Conexões que foram escolhidos e analisados.

Este trabalho está dividido em 6 seções, que inclui esta introdução, como seção I. Na seção II descreve-se a abordagem metodológica, os procedimentos que foram utilizados, bem como o instrumento que foi objeto específico da busca pelas

informações. Na seção III vem o aporte teórico por meio das categorias escolhidas e seus respectivos autores. Na seção IV mostram-se os achados de campo, contidos nos memoriais dos universitários de camadas populares. Destes memoriais foram retirados fragmentos cuidadosamente analisados com intuito de lançar respostas ao problema ora apresentado. Nas considerações finais procura-se fazer uma retomada sintetizando os pontos principais respondendo diretamente as questões que nortearam a pesquisa.

Abordagem metodológica

O método de trabalho apoia-se em pesquisa de natureza eminentemente qualitativa com base exclusivamente na análise de conteúdo, técnica também utilizada para análise de escritos de pessoas, como por exemplo escritos do tipo memoriais. São exatamente os memoriais publicados na Coleção “Caminhadas de universitários de origem popular”, do MEC, que foram as peças analisadas aqui. Bardin (1977) ressalta o valor da utilização da análise de conteúdo para ultrapassar as incertezas e desvendar o que é questionado.

Foram selecionados 5 livros da coleção citada acima e de cada um deles foram escolhidos 3 memoriais de estudantes das seguintes instituições federais de ensino superior (IFES): Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal de Roraima (UFRR) e Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Nestes livros contém memoriais nas quantidades de 25, 85, 44, 17 e 24 respectivamente.

Dentre os 195 memoriais dos 5 livros escolhidos, foram selecionados quinze. Como critério para escolha dos memoriais procurou-se os que tinham o maior número de páginas, tendo o mínimo de 3, baseado no suposto que estes revelariam com mais detalhes o percurso da vida familiar, social e escolar dos memorialistas bolsistas.

O PNAES e sua importância para alunos de seguimentos populares

A política de assistência estudantil nos últimos anos tem sido abordada sob diversos ângulos destacando-se os aspectos relacionados ao acesso e permanência

de pessoas de classes populares no ensino brasileiro de nível superior (ALVES 2002; ARAUJO 2003; ZAGO, 2006; PORTES 2006; VASCONCELOS, 2011).

Os estudos mostram a dura realidade de pessoas de camadas populares que ingressaram no ensino superior cuja rotina passa pela necessidade de trabalhar e prover a sua sobrevivência e da sua família, por exemplo.

Quando falamos de assistência estudantil para alunos de graduação levamos em consideração a condição socioeconômica deles para serem contemplados em programas assistencialistas. Sabe-se pelo decorrer da história brasileira que as classes populares sempre acessaram com muitas dificuldades o ensino superior.

As classes populares, no Brasil, sempre estiveram à margem do poder. Em consequência, as aspirações populares, em matéria de educação, não encontram ressonância: a educação é eminentemente elitista e antipopular. (GADOTTI, 1981, p. 5).

Abordar, portanto, o Plano Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) se faz necessário. O mesmo é uma conquista dos movimentos sociais que se realizou através da Portaria Normativa nº 39, de 12 de dezembro de 2007 (BRASIL, 2007).

As áreas estratégicas no âmbito do PNAES são executadas pela própria instituição de ensino, que deve acompanhar e avaliar o desenvolvimento do programa, seguir as necessidades de assistência estudantil, monitorar a permanência dos beneficiários. As ações do PNAES incluem: alimentação, transporte, moradia estudantil, inclusão digital, cultura, esporte, assistência à saúde, creche e apoio pedagógico. Em síntese, estas e outras ações tem como função primeira viabilizar oportunidades iguais para que acadêmicos possam ter melhor desempenho escolar mitigando a diminuição das taxas de retenção e desistência decorrentes de condições financeiras precárias.

O PNAES teve sua consolidação como programa no âmbito do Ministério da Educação (MEC), através do Decreto nº 7.234, em 19 de julho de 2010 (BRASIL, 2011). O principal critério de atendimento ao estudante é a questão socioeconômico comprovada a vulnerabilidade do aluno.

A assistência estudantil, sendo uma ferramenta de direito social, tem por intuito trabalhar para a superação das dificuldades materiais de alunos pobres para em contrapartida o acadêmico melhorar seu desempenho, se dedicando aos estudos. Entender e compreender a função da política de assistência estudantil para a vida acadêmica dos estudantes de classes populares implica entender a assistência como direito social assegurado por lei (ALVES, 2002).

Araújo (2003) mostra a importância da assistência estudantil e nos destaca duas dimensões: a do direito e a do investimento.

A discussão sobre a assistência estudantil é de grande relevância, o Brasil é um dos países em que se verifica as maiores taxas de desigualdade social, fato visível dentro da própria universidade, onde um grande número de alunos que venceram a difícil barreira do vestibular já ingressou em situação desfavorável frente aos demais, sem ter as mínimas condições socioeconômicas de iniciar, ou de permanecer nos cursos escolhidos. Além do que, percebemos que a assistência estudantil pode ser trabalhada sob diferentes perspectivas: de um lado como direito, e de outro, como investimento. ARAUJO (2003, p. 99)

É direito do aluno ter programas de assistência estudantil, o que por outro lado, gera investimentos realizados na educação de estudantes carentes o que minimiza os impactos negativos ocorridos com a evasão ou com o tempo de demora a mais na instituição para a formatura.

Mesmo com avanços, o PNAES ao garantir esse direito não abrange todo o público acadêmico das camadas populares porque os critérios de seleção levam em consideração além do perfil socioeconômico dos alunos, critérios estabelecidos de acordo com a realidade de cada instituição, excluindo assim, boa parte dos estudantes eu têm direito.

Com a expansão das universidades públicas brasileiras e implementação de políticas de ação afirmativa ampliou-se a entrada de estudantes pertencentes aos grupos socialmente excluídos. Uma das primeiras políticas públicas de assistência estudantil com caráter específico de extensão e intervenção social pelas universidades foi o Conexão de Saberes.

Programa Conexão de Saberes: a permanência na universidade.

O Programa Conexões de Saberes originou-se a partir da experiência com a Rede de Universitários de Espaços Populares (RUEP). O programa constitui-se como uma política de ação afirmativa de permanência, desenvolvido pelo MEC em dezembro de 2004. Na época, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD-MEC) acompanhou o projeto, conjuntamente com 33 universidades federais brasileiras e mais o Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

Segundo o prefácio da coleção do livro Caminhadas de Universitários de Origem Popular “o Programa Conexões de Saberes criou, inicialmente, uma rede de estudantes de graduação em cinco universidades federais, distribuídas pelo país”,

quais foram: Universidade Federal de Fluminense (UFF), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Conforme ainda o prefácio o Conexões de Saberes ampliou-se no ano de 2005 “para mais nove universidades federais”. No ano de 2006 o MEC implementou o programa em todos os estados do país nas 33 universidades federais.

No ano de 2005, o Conexão de Saberes foi merecedor do Prêmio Fundação Bradesco de Tecnologia Social no quesito educação, em duas vertentes fundamentais, primeiramente por incentivar fortemente os laços entre os espaços sociais populares e as instituições de ensino superior. E segundo foi a contribuição para permanência destes acadêmicos oriundos de grupo popular nos cursos em nível de graduação, enfatizando a possibilidade de maiores probabilidades dos mesmos continuarem o seu percurso na academia nos cursos de pós graduação.

O Conexões proporcionou a troca de conhecimento e saberes. Os bolsistas atuaram em diversas ações de extensão e pesquisa como realização de diagnósticos sociais, avaliando a eficiência e eficácia de políticas públicas e propondo ações efetivas de acesso e permanência em instituições de ensino superior federais. O programa selecionou em cada universidade ao menos 25 universitários que participaram de um processo contínuo de qualificação como pesquisadores e extensionistas.

O capital social dos alunos de camadas populares

O capital social é uma categoria estudada por alguns teóricos como Putnam (1993) e Coleman (1988), mas também pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu que tem uma perspectiva própria do conceito. Este buscou compreender como pessoas inseridas estavelmente em uma rede de relações sociais podem de alguma forma se beneficiar com a relação ou gerar manifestações positivas para os seus integrantes.

Capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento, ou seja, o conceito consiste em um conjunto de recursos individuais que possibilita a formação de redes de ajuda mútua que quando há mobilização dessa os indivíduos ou as classes envolvidas são beneficiadas ou podem cooperar com benefícios alheios aos seus (BOURDIEU, 2004, p. 67).

Capital social pode ser compreendido sob dois aspectos, levando em consideração as relações no âmbito da família.

O aspecto primeiro busca caracterizar o desenvolvimento do capital social familiar como “progresso cognitivo e escolar dos filhos”. Segundo, ele é colocado em evidência para a importância da construção das redes extrafamiliar: as que estão fora da família, do lar, logo são redes que estão nas composições de contextos econômicos, políticos, sociais, comunitários, sejam eles formais ou informais.

Bourdieu relaciona o capital social aos benefícios mediados pelas redes extrafamiliares e às lutas concorrenciais entre indivíduos ou grupos no interior de diferentes campos sociais. Para ele, as chances que os agentes têm de acumular ou de reproduzir capital social dependem de sua posição dentro do sistema de estratificação (Ortiz, 1983).

A quantidade e qualidade do capital social que cada agente poderá obter dependerá menos do tamanho das redes, e mais de sua configuração e da capacidade das pessoas confiarem umas nas outras, cumprirem regras formais ou informais de convivência formadas no grupo podendo, assim, se beneficiar das relações. Com efeito, confiança, solidariedade e reciprocidade, e variável contextual favorável podem ser importantes componentes de capital social “produtivo”.

Confiança e solidariedade no âmbito familiar

A confiança, solidariedade e reciprocidade são importantes indicadores de existência de capital social. As relações familiares com maior quantidade e qualidade destes indicadores torna o ambiente familiar mais fértil e produtivo. É curioso notar que a fertilidade e produtividade desse recurso independe da quantidade de capital econômico que qualquer família pode ter.

A categoria capital social é um conceito que leva em consideração várias características culturais. Baquero (2003), embora fazendo análise para uma escala maior, em nível societário, traz a importância da confiança para o desenvolvimento dos contratos sociais.

A existência de confiança não só cria um ambiente de credibilidade e, conseqüentemente, de legitimidade, como fortalece o contrato social [...]. A credibilidade de um sistema político e seu eficiente desempenho, portanto, depende do grau de confiança que as pessoas têm nas instituições. (BAQUERO, 2003, p. 96-97).

Ora, em escala de grupos menores como nas famílias é fundamental a existência da credibilidade para que os investimentos realizados nos filhos sejam retornados em formas de bom desempenho escolar por parte deles.

Por outro lado, Coleman considera o conceito de capital social como possibilidade de facilitar ação de diferentes tipos de atores sociais.

Assim como outras formas de capital, o capital social é produtivo, possibilitando a realização de certos objetivos que seriam inalcançáveis se ele não existisse [...]. Por exemplo, um grupo cujos membros demonstrem confiabilidade e que depositem ampla confiança uns nos outros é capaz de realizar muito mais do que outro grupo que careça de confiabilidade e confiança [...]. Numa comunidade rural [...] onde um agricultor ajuda o outro a enfardar o seu feno e onde os implementos agrícolas são reciprocamente emprestados, o capital social permite a cada agricultor realizar o seu trabalho com menos capital físico sob a forma de utensílios e equipamento (COLEMAN, 1990, p. 302, 304 e 307, *apud* PUTNAM, 2000, p. 177).

Os preceitos de reciprocidade nutrem sentimento de confiança que influencia no desempenho das relações familiares e sociais contribuindo para o bem estar da coletividade, seja na família, na comunidade ou em escalas maiores. As redes onde circulam capital social produtivo tendem a fortalecer as normas e as instituições.

Ordem moral doméstica

Ordem Moral Doméstica noção desenvolvida por Bernard Lahire (2004b) busca explicitar determinadas configurações de relações familiares que influenciam objetivos coletivos: bons resultados escolares podem ser efetivamente alcançados se o ambiente familiar estiver configurado para esse fim. O autor argumenta que a ordem moral doméstica estabelecida nas famílias estaria relacionada estreitamente a uma ordem cognitiva, que poderia favorecer ou desfavorecer um bom desempenho escolar.

A regularidade das atividades, dos horários, as regras de vida estritas e recorrentes, os ordenamentos, as disposições ou classificações domésticas produzem estruturas cognitivas ordenadas, capazes de colocar ordem, gerir, organizar os pensamentos. (LAHIRE, 1997, p. 26).

Nesta perspectiva as famílias “inculcam-lhes a capacidade de se submeter à autoridade escolar, comportando-se corretamente, aceitando fazer aquilo que lhes é solicitado, e serem relativamente dóceis, escutarem, estarem atentos, trabalharem e não se distraírem...” (LAHIRE, 1995, p. 24) com isso o aluno torna-se “ideal”, recomendado pela escola. O mesmo autor continua,

O aluno que vive num universo doméstico ordenado material e temporalmente adquire assim, de forma imperceptível, métodos de organização, estruturas cognitivas, ordenadas e predispostas a funcionar como estruturas de ordenação do mundo. (LAHIRE, 1995, p. 25).

As atividades como o controle das amizades, dos horários, dos estudos, das brincadeiras, das tarefas do lar nos mostraram como os pais estavam atentos a seus filhos e como o cotidiano familiar interfere em seus percursos escolares.

O que Lahire chama de ordem moral doméstica é um dos componentes do capital social: as regras formais ou informais bem aceitas no ambiente familiar considerando um projeto coletivo para se conseguir sucesso escolar. Se para além das regras bem aceitas por todos ainda existir confiança, reciprocidade e solidariedade, entre pais e filhos, por exemplo, as possibilidades de êxito na escola aumentam consideravelmente.

Na maioria dos casos analisados neste trabalho, percebeu-se que os pais dos sujeitos investigados mesmo ingressando precocemente no mercado de trabalho e/ou interrompendo estudos tiveram importante preocupação com os estudos dos filhos. Houve, com variações contextuais, efetiva participação dos pais incentivando e realizando ações para que os filhos estudassem e se tornassem “bons” alunos. Podemos inferir, portanto, nos casos aqui analisados por meio dos memoriais que, o “sucesso escolar”, estar também ligado a preocupação com o bem estar do jovem, a constituição de um ambiente familiar emocional propício aos estudos (mesmo cercado de dificuldade material e financeira presentes em quase todos os lares dos memorialistas).

O apoio familiar, portanto, é condição se não determinante, mas fator importante que pode mudar trajetórias escolares para casos bem sucedidos alterando destinos de pessoas que, muitas vezes, não chegam muito longe. Nas famílias em que a ordem moral doméstica está bem consolidada os filhos têm mais possibilidades de ter sucesso escolar independentemente da condição financeira da família.

Capital social, redes sociais e ordem moral doméstica nas trajetórias dos bolsistas do Conexão

Como se disse, foram analisados 15 memoriais que apresentam trajetórias de universitários de camadas populares marcados pelas desigualdades sociais e estruturais presentes no atual modelo de sociedade, o capitalismo. Os bolsistas do Conexão são, em sua expressiva maioria, estudantes das licenciaturas, graduações consideradas de menor prestígio no ensino superior.

Com as análises realizadas nos memoriais percebeu-se que os jovens que concorreram às vagas nas universidades não tiveram sucesso em suas primeiras tentativas, este processo foi trilhado por meio de diversas vezes até acessarem o mundo acadêmico. Em alguns casos houve mais de três tentativas para de fato, alcançarem a universidade pública federal. As narrativas apresentam pessoas oriundas de escolas públicas, com pais de baixa escolaridade, sem casa própria e com famílias relativamente pequenas, a maioria. Muitos, filhos de agricultores.

Os achados permitem dizer que as trajetórias escolares dos universitários bolsistas do Conexão foram marcadas por graves desigualdades sociais estruturais. Entretanto a análise de conteúdo permite afirmar que eles tiveram apoio importante da família, principalmente, e das redes externas (secundárias) que foram se formando durante suas trajetórias escolares.

As evidências revelam que os memorialistas se depararam com pessoas que foram determinantes e que, muitas vezes, mudaram o rumo de seus destinos. Vamos ouvir as vozes desses sujeitos.

Ana Hilda Gomes Pereira, à época graduanda em Pedagogia pela UFRR, nascida aos 10 dias do mês de novembro do ano de 1978 na cidade de Porção de Pedra/MA. Filha de Antônio Gomes de Oliveira e Maria da Conceição Pereira de Oliveira, relata

Algo que sempre recorro com prazer era o quanto meu pai era dedicado aos nossos estudos. [...] meu pai valorizava a importância de se estudar. [...] lembro-me como se fosse hoje quando ele alertava: 'meus filhos estudem! Educação é a melhor coisa do mundo, porque o homem pode tirar tudo de você, mas os conhecimentos nunca poderão tirar de vocês. E prosseguimos nossos estudos. [...] Minha mãe estava lá me apoiando em formatura. [...] Conte com a ajuda de minha mãe, que sempre esteve ao meu lado me apoiando. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 18)

Márcio Ferreira Sampaio, graduando em Geografia, pela UFRR. Nascido aos 29 dias do mês de Janeiro de 1976, na pequena cidade de Rosilândia, Estado do Maranhão. Filho de Luiz Caetano Sampaio, de função agricultor, e Gilza Ferreira Sampaio, dona de casa.

Meu pai, no que diz respeito à educação da prole, seguia ao seguinte sistema: se um dos seus filhos chegasse em casa com algo novo ou diferente tinha que explicar e dizer como tinha adquirido tal objeto, se não tivesse uma boa explicação o castigo era duro. [...] em relação aos estudos, era minha mãe que tinha maior cuidado, sempre nos incentivando, ela dizia: 'o mundo pode lhes tirar tudo, menos o seu conhecimento. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 25)

Edelson Oliveira Pacheco, graduando em Física, pela UNIFAP, nascido 23 de novembro de 1984, no interior do estado do Amapá.

Minha mãe trabalhando como doméstica ajudou em casa e, com o pouco que ganhava, auxiliava nos custos de roupa e materiais escolares básicos. [...] A mamãe foi bem ativa no sentido de incentivar os filhos nos estudos e vez ou outra ia à escola de surpresa... [...] é necessário fazer uma complementação nos cursinhos pré-vestibulares. Graças a minha família consegui fazer a preparação em um que dava uma bolsa parcial àqueles que tirassem boas notas em um teste. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 28)

Francisco Alves Cordovil Neto, graduando em geografia pela UNIFAP, nascido prematuramente aos 7 meses no dia 1 de Outubro de 1981, na cidade de Macapá.

Meus pais não tiveram a oportunidade de estudar, contudo, sempre nos ensinaram o caminho a ser trilhado, o caminho da educação, do conhecimento. [...] Fui criado sob julgo da disciplina e orientado desde o princípio para uma vida voltada aos estudos. [...] Meus pais não tiveram a oportunidade de estudar nem por isso deixaram de cuidar da educação dos filhos, pois acreditava que uma vida digna de ser vivida só poderia ser almejada por intermédio da educação, do conhecimento. [...] meu pai... me deu alguns conselhos, um deles era pra que eu estudasse, para não sofrer na vida. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 36)

Dos pontos acima pode-se perceber que todos os pais destes jovens são de origem popular, onde a vida dessas famílias foram expostas a graves dificuldades, porém percebe-se que a preocupação deles com o estudo pois somente através da educação que seus filhos poderiam sair de tantas dificuldades. Nestes casos as redes intrafamiliares foram essenciais pra a chegada desses jovens em uma universidade pública federal. Percebe-se também a presença da disciplina e de regras austeras, isto é, havia uma ordem moral doméstica consolidada em vários casos dos aqui escolhidos.

Fabíola Estrela Dias, graduanda em Museologia pela UNIRIO.

[...] minha mãe conseguiu nos ensinar a escrever nossos nomes antes de entrar na escola, e isso é um grande orgulho. [...] Sempre levei meus estudos a sério, talvez pela influência de minha mãe, por isso nunca menti ou ocultei em casa algo referente a escola. [...] o cansaço era comum e pensava em desistir, como muitos de minha turma fizeram. Minha mãe, guerreira, sempre me estimulava de alguma forma. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 41)

Fabrice da Mota Cardoso, graduanda em Enfermagem pela UNIRIO.

Minha mãe nunca abriu mão de que estudássemos em um bom colégio, por mais que isso custasse a ela. [...] Não tinha dinheiro para pagar um pré-vestibular. Minha mãe, com sua impagável lábia, conseguiu para mim meia bolsa em um curso. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 56)

Adriano José da Silva, graduanda em História pela UFRPE. Filho de Erasmo José da Silva, Pedreiro, e de Maria de Fátima da Silva, dona de casa. Nascido em Paudalho/PE.

Grande parte do que sou hoje devo aos meus pais, que sempre se esforçaram bastante para me manter estudando, apesar de ambos terem origem muito humilde. [...] Quando tinha cerca de três anos e meio, meus pais decidiram colocar-me na escola, não me lembro se queria ir, mas fui. [...] Só conseguia conciliar brincadeira e estudo, porque minha mãe (que chamo carinhosamente mainha) ficava no meu pé o tempo inteiro. [...] No ano seguinte, meus pais decidiram pagar um cursinho pra mim... Mas com ajuda de alguns amigos, meus pais conseguiram pagar, e eu fiz minha parte: estudei para passar. [...] Meu pai ficou desempregado, tendo que fazer bicos para manter os custos da casa e de meus estudos. [...] Meu pai apesar de sua simplicidade, nunca me forçou a trabalhar, sempre priorizando meus estudos e enfatizando para que eu estudasse e não tivesse que trabalhar como ele. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 15)

Cristiane Rodrigues de Araújo, graduanda em Economia Doméstica pela UFRPE. Nascida no dia 13 de Maio de 1982.

[...] meus pais trabalhavam, e com isso, pude fazer minha alfabetização numa escolinha particular. [...] Enfim quando cheguei na minha terceira tentativa me matriculei no Líder (curso particular). Por ter uma mensalidade baixa, minha mãe conseguiu pagar. [...] tive apoio do meu namorado (Paulo Henrique) e posteriormente, da minha mãe e família. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 74)

As narrativas dos sujeitos investigados revelam que seus pais tinham um zelo acentuado pelos estudos dos filhos e sempre enfatizavam de diversas formas, como por meio de gestos e condutas valorativas, o quanto seria imprescindível estudar. Surge também nos memoriais o apoio da rede externa, sejam amigos, o namorado, etc. O capital social seja familiar ou extrafamiliar funcionando como recurso produtivo e resolvendo questões importantes que desaguaram, mais tarde, no acesso ao ensino superior pelos memorialistas.

Debora Bezerra de Santana, graduanda em Biologia pela UFRPE. Nascida em São Lourenço da Mata/PE.

Eu não tinha medo, minha família também não tinha recursos, mas tinha confiança e apostava tudo em mim, pois eu era o espelho do que eles queriam e nunca fizeram, nunca puderam ir além das possibilidades. Apesar das condições, conseguiram pagar a taxa de inscrição, eu fiz o teste, e para minha felicidade e mais ainda da minha família, fui aprovada e consegui ingressar nessa escola, o que garantiu uma trajetória de vida totalmente. [...] Minha família, sempre me apoiando, enfrentou todas as dificuldades financeiras para que eu pudesse fazer o pré-acadêmico, uma vez que era em outra cidade e eu teria que pagar passagem todos os dias. [...] A felicidade também tomou conta de meus pais: minha aprovação foi motivo de choro e emoção por vários dias. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 79)

No fragmento acima a narrativa fala categoricamente a palavra “confiança”, a família sendo um personagem imprescindível na trajetória de Debora Bezerra Santana: capital social um conceito que considera as características contextuais do universo analisado e que verifica a presença dos componente confiança, reciprocidade e solidariedade para caracterizar qualidade desse recurso social.

Angélica do Carmo Coitinho, graduanda em História pela UNIRIO.

Todos os dias, ela falava ‘Vamos para escola! [...] quando estava na quarta série, meus pais viram o anuncio de uma prova para tentar um bolsa em um ótimo colégio. Resultado: primeira ida ao Maranhão para fazer uma prova. Essa, porém não seria a última. Passei! Fui classificada em uma boa colocação e consegui uma bolsa parcial. [...] meu pai...resolveu que eu tinha que fazer prova para todos os colégios técnicos estaduais e federais. [...] Meu pai se esforçou para me ajudar... [...] Tive medo de meu pai não conseguir pagar, mas ele sempre me deu muito apoio para estudar e se esforçou para me proporcionar as melhores oportunidades. [...] Agora sempre contando com o apoio da família, do meu namorado e das amigas para passar por tudo. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 32)

Arínic Airam Silva Costa, graduando em Educação Física pela UFAL, nascido na cidade de Palmeira dos Índios, no ano de 1984.

Minha mãe conseguiu para mim uma bolsa de estudo em um colégio particular de freiras, Centro Educacional Cristo Redentor, onde estudei desde o pré até o 1º ano do Ensino Médio. Meus avós ajudaram na compra da farda, lanche e calçados. Pegavam emprestados alguns livros com parente, amigos e o que não conseguiam, minha mãe dava um jeito. [...]

Tentava retribuir sempre, através dos estudos, tirando notas boas, sendo dedicada, obediente e percebida que ela sempre ficava contente com isso. [...] fui convidada pelos meus tios para estudar em Maceió. Eles conseguiram uma vaga na Escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco que me possibilitou ter um bom estudo... [...] Minha mãe queria muito ver as duas filhas com curso superior, algo que ela não teve condições e fazia de tudo para que conseguíssemos. [...] sempre, tive minha mãe me apoiando, ajudando em todos os sentidos. [...] minha avó ficou muito feliz, e até hoje, todos me apoiam a continuar estudando sempre. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 36)

Auricélia Alves de Araújo, graduanda em Educação Física, pela UFAL, nascida na cidade de Venturosa, no ano de 1985. Filha de agricultores, seu pai chamado Antônio, analfabeto e sua mãe chamada Ana, possui pouca instrução.

Minha irmã Marcirene... ao conquistar sua estabilidade, retornou a Venturosa e me convidou para morarmos juntas na capital alagoana para que eu continuasse os estudos. [...] Minha irmã custeou minhas despesas como transporte urbano e aulas em um cursinho pré-vestibular. [...] mais uma vez tive o auxílio da família, em especial da minha irmã Marcirene, uma vez que foi através dela que consegui, em 2005, um estágio remunerado em uma escola pública no município de Maceió. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 39)

Adalberon Júnior, graduando em Ciências Sociais pela UFAL. Nascido na cidade de Palmeira dos Índios, no interior de Alagoas, nascido de dona Cida.

[...] Durante essa infância, pude desfrutar de um período de sucesso profissional de meu pai, que de ajudante ascendeu à carreira de lojista e conquistou seu próprio e estruturado negócio. Isto, garantiu-me uma escola privada e de qualidade, desde minha alfabetização até a quarta série do ensino infantil. [...] ...fui para Maceió estudar um cursinho preparatório, que consegui pagar com a ajuda de minhas tias, meus pais e avós. [...] Por pedido de meus pais, em especial, da minha mãe, em me dedicar mais aos estudos [...].(SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 32)

Nos fragmentos dos memorialistas acima, é evidente a disposição das famílias, a preocupação dos filhos em retribuir o esforço e investimento feito, a presença de amigos, da rede externa à família, tudo fundado, em lações de confiança e reciprocidade. Também se observa a relação família e escola e sua importância na trajetória educacional desses jovens acadêmicos. Lahire (2004c) afirma sobre a relação família escola:

Se a família e a escola podem ser consideradas como redes de interdependência estruturadas por formas de relações sociais específicas, então o fracasso ou o sucesso escolares podem ser apreendidos como o resultado de uma maior ou menor contradição, do grau mais ou menos elevado de dissonância ou de consonância das formas de relações sociais de uma rede de interdependência a outra (p. 19-20).

Francisco Alves Gomes, graduando em Ciências Sociais, pela UFRR. Nasceu em 1986 em Boa Vista/RR. Filho de Antônio Almeida Gomes e Rita Alves Gomes, ambos funcionários públicos e semianalfabetos.

Meus pais apesar de não terem tido as condições necessárias para seguir com os estudos, não pouparam esforços em estimular todos os seus filhos a concluírem o processo básico educacional. [...] Lembro-me do esforço do meu pai [coitado] tentando me convencer a ir para a creche, ... Meu pai, me pôs na 'creche Pingo de gente'. [...] depois de um ano de muita luta e sofrimento [luta para meu pai e irmãos tentando me convencer a ir para creche – e sofrimento para mim. [...] entretanto, seguindo orientações de meus pais e irmãos mais velhos que com certeza haviam presenciado os mesmos problemas, ignorei tal fato e voltei-me para os estudos e para a prática futebolística. [...] comecei a dar valor as orientações e conselhos que meu pai e meus irmãos haviam me dado a respeito da importância que devemos dar ao ensino e aprendizagem ao longo de todos os anos de prática escolar. [...] seguindo a orientação do meu irmão Valdenor, que me convidou a estudar na escola em que ele lecionava matemática. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 44)

Josilene Balieiro Pinheiro, graduanda em pedagogia pela UNIFAP.

[...] Surgiu em minha memória a imagem do meu pai me ensinando a ler... [...] como minha mãe era analfabeta só restava meu pai com sua pouca leitura (estudou apenas a 1ª série do ensino fundamental) para me ensinar a ler. [...] reconheço que a participação dos meus pais foi importantíssima para me ajudar aonde cheguei, afinal eles sempre foram muito presentes em minha vida escolar, sempre exigiram o máximo de mim, não admitiam nota baixa e muito menos vermelha, caso tal fato ocorresse era castigado na certa. [...] Para que eu pudesse me restabelecer tive o apoio incondicional da minha família que apesar de decepcionada me apoiou e me ajudou a sair do buraco. (SOUZA; BARBOSA; SILVA; 2009, p. 45)

Nos fragmentos acima mais uma vez a presença da ordem moral doméstica, do capital social, de costumes das famílias traduzidos por Lahire (2004d). Em ambientes marcados por esses componentes os filhos têm maior probabilidade de sucesso escolar.

Com a presença de regras traduzidas em ordem moral doméstica os jovens aprendem também o valor e a importância que escola exerce na vida das pessoas e procuram superar suas dificuldades se enquadrando às duras penas ao jogo pesado da instituição escolar.

Do exposto, se percebe que as trajetórias escolares dos memorialistas foram marcadas por graves desigualdades sociais, culturais, educacionais e econômicas, contudo, a presença do capital social pelos componentes confiança, reciprocidade, solidariedade e a colaboração em se cumprir com as regras coletivas, que se tornaram de todos da família, mas tendo nos pais os capitaneadores do recurso, fez com que esses jovens aqui pesquisados chegassem nas universidades federais, lugar negado a esse segmento social historicamente.

Com o apoio das redes de relações os jovens puderam manter viva a chama de alcançarem do “sonho” de estudar e chegar na tão esperada universidade.

Outras pesquisas também focadas em segmentos populares revelam características muito parecidas.

Mesmo diante de todas as adversidades sociais, familiares e escolares presentes e manifestas nessas trajetórias, os testemunhos de vida revelam e condensam uma força, uma potência e um vitalismo poderoso que se consubstancia na possibilidade real de continuidade dos estudos” (ARENHARDT, 2012, p.16).

Considerações finais

O objetivo do artigo foi analisar as manifestações de capital social dos bolsistas do Programa Conexão de Saberes no âmbito de suas famílias assim como suas redes sociais externas. Pierre Bourdieu e Bernard Lahire foram importantes iluminando o caminho trilhado. Do primeiro veio o conceito de capital social, do segundo o aporte sobre a importância de regras bem definidas para os estudos.

As evidências permitem dizer que as trajetórias escolares dos bolsistas foram marcadas por graves desigualdades sociais estruturais. Entretanto permite afirmar também que eles tiveram apoio importante da família, principalmente, e das redes externas que foram se formando durante suas trajetórias escolares.

Com a análise de conteúdo foi possível perceber que as famílias desses jovens, à época, tiveram várias preocupações e adotaram muitos procedimentos e orientaram seus filhos para que alcançassem a tão esperada entrada na universidade pública. Os memoriais abordados aqui mostram a presença da ordem

moral doméstica e do capital social contendo os requisitos principais para o bom relacionamento: a confiança, a solidariedade e a reciprocidade.

O estudo presente situa-se no campo da análise micro merecedora de destaque enquanto abordagem processual científica. Essas famílias não foram suficientemente estudadas, nem os fenômenos pertencentes às suas relações intrafamiliares.

Enfatizamos a importância das políticas de assistência estudantil pois elas minimizam os impactos negativos dos constrangimentos sociais e de classe pelos quais passam os estudantes universitários de camadas populares.

O presente estudo aponta também para a necessidade de se aprofundar os estudos sobre as políticas educacionais que vem sendo implementadas para o acesso e a permanência de jovens de camadas populares nas universidades brasileiras.

Referências

ALVES, Jolinda Moraes. **A assistência estudantil no âmbito da política de Ensino Superior Pública. Serviço Social em Revista**. V. 5, N. 1. Jul/dez. 2002. Londrina-PR: UEL, 2002. Disponível em: <<http://www.ssrevista.uel.br>> Acesso em: 07 jan. 2017.

ARAUJO, J. **O Elo Assistência e Educação**: análise assistência/desempenho no Programa Residência Universitária Alagoana. 2003. 198 p. Dissertação (Mestrado) no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco – Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Área de concentração: Serviço Social; Movimentos Sociais; Direitos Sociais. Recife, 2003.

ARENHARDT, Rafael. **Estudantes de origem popular na Universidade**: Vidas entrelaçadas no Programa Conexões de Saberes da UFRGS. 35º Reunião anual da ANPEd, 2012. Disponível em: <

<http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT06%20Trabalhos/GT06->

[2258_int.pdf](#) >. Acesso em: 10 jan. 2017.

BAQUERO, Marcello. **Construindo uma outra sociedade no Brasil**. O papel do capital social na estruturação de uma cultura política participativa. *Revista Sociologia e Política*, Curitiba, s/ v. n. 21, p. 83–108, nov. 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Normativa nº 39**, de 12 de dezembro de 2007. Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília, dez. 2007b.

Disponível em: <www.portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria_pnaes.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Decreto nº 7.234/2010**: Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Brasília, jul. 2010b. Disponível em: <http://www.fontedodireito.com.br/index.php?view=article&catid=36%3Alegislacao&id=1232%3Adecreto-no-72342010-dispoe-sobre-o-programa-nacional-de-assistencia-estudantilpnaes&format=pdf&option=com_content&Itemid=27>. Acesso em: 06 jan. 2017.

_____. **O capital social: notas provisórias**. In: NOGUEIRA, Maria Alice.; CATANI, Afrânio. Pierre Bourdieu. Escritos de Educação. 6 ed. Petrópolis: Vozes. 2004. p. 247.

COLEMAM, James. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, v. 94, p. 95-120, 1988. Suplemento.

GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação e educação Brasileira Contemporânea**. IN Educação e Sociedade. CEDES, nº8. São Paulo: Cortez, 1981.

LAHIRE, Bernard. **Tableaux de Familles: Heurs et Malheurs Scolaires en Milieux Populaires**. Paris: Gallimard/Le Seuil, 1995.

_____. **A Cultura dos Indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu*. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

PORTES, E. A. Algumas dimensões culturais da trajetória de estudantes pobres no ensino superior público: o caso da UFMG. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 87, n. 216, p. 220-235, maio/ago. 2006.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas. 2002. 257 p.

SOUZA, Ana Inês; BARBOSA, Jorge Luiz; SILVA, Jailson de Souza (Orgs). **Caminhadas de alunos de origem popular**: UFAL. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró Reitoria de Extensão. 100 p. 2009.

_____, (Orgs). **Caminhadas de alunos de origem popular**: UNIRIO. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró Reitoria de Extensão. 212 p. 2009.

_____, (Orgs). **Caminhadas de alunos de origem popular**: UFRPE. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró Reitoria de Extensão. 236 p. 2009.

_____ (Orgs). **Caminhadas de alunos de origem popular**: UNIFAP. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró Reitoria de Extensão. 92 p. 2009.

_____ (Orgs). **Caminhadas de alunos de origem popular**: UFRR. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró Reitoria de Extensão. 88 p. 2009.

VASCONCELOS, Natalia Batista. Programa Nacional de Assistência Estudantil: Uma análise da evolução da Assistência Estudantil ao longo da história da Educação Superior no Brasil. **Ensino Em-Revista**, Uberlândia, v.17. n.2, p.599-616, jul./dez.2010.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.